Estresse e uso de drogas psicoativas por docentes universitários
Stress and psychoactive substance use among university professors

Alcivan Nunes Vieira1, Deivson Wendell da Costa Lima1,2, Gilmara Valesca Rocha Batista1, Lívia Dayane Sousa Azevedo1, Margarita Antonia Villar Luís2

Resumo | Introdução: Os docentes universitários tornaram-se um dos grupos suscetíveis ao estresse relacionado ao trabalho, e o uso de drogas psicoativas tem sido considerado uma das estratégias para alívio das tensões. Essa problemática tem chamado a atenção das entidades que agremiam esses trabalhadores devido às repercussões no trabalho e na vida particular. Objetivos: Esta pesquisa objetivou analisar a relação entre o estresse laboral e o consumo de drogas psicoativas entre docentes universitários. Métodos: Estudo descritivo e analítico com abordagem quantitativa realizado em uma universidade pública do estado do Rio Grande do Norte, Brasil. Coletaram-se os dados de 67 docentes pelo Google Forms através dos seguintes instrumentos: formulário sobre características sociodemográficas e práticas profissionais; Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening; e Inventário de Sintomas de Stress. Realizaram-se análises descritivas por meio de média e desvio padrão. As associações entre o estresse laboral e o consumo de drogas com as diferentes variáveis estudadas foram testadas por meio do teste de qui-quadrado ou exato de Fisher. Resultados: Predominaram indivíduos homens, casados, com filhos, com grau de instrução a nível de mestrado e com média de idade de 42 anos. Identificaram-se diferenças entre o consumo de drogas psicoativas lícitas em relação às ilícitas. Evidenciou-se nível de estresse em fase de alerta, resistência ou exaustão, sendo a fase de resistência a mais frequente. Na associação entre uso de alguma droga e estresse laboral, prevaleceu o consumo de bebida alcoólica. Conclusões: Conclui-se que há relação entre o consumo de drogas psicoativas e o estresse no trabalho docente.

Palavras-chave | docentes; estresse ocupacional; usuários de drogas; universidades.

Abstract | Introduction: University professors are highly susceptible to work-related stress, and psychoactive substance use is often used as a stress alleviation strategy. This issue has attracted the attention of organizations that represent these workers given its potential repercussions on work and personal life. Objectives: This study aimed to evaluate the association between work-related stress and psychoactive substance use in university professors. Methods: A descriptive and analytical-qualitative study was conducted in a public university in the countryside of the state of Rio Grande do Norte, Brazil. Data were collected from 67 professors using Google Forms and the following instruments: sociodemographic characteristics and occupational activity questionnaire; Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening; and Stress Symptom Inventory. Descriptive methods were used to calculate means and standard deviations. The association between occupational stress, substance use, and the variables studied was investigated using chi-square or Fisher’s exact tests. Results: Most participants were men, married, with children, and a master’s-level education. The mean age of the sample was 42 years. Differences were observed between the prevalence of legal and illegal substance use. Many participants were in the alert, resistance, or exhaustion stages of stress, with the resistance stage being the most frequent. Alcohol was the substance most commonly associated with work-related stress. Conclusions: Psychoactive substance use is associated with work-related stress among university professors.

Keywords | faculty; occupational stress; substance users; universities.

1 Departamento de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil.
2 Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
3 Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Fonte de financiamento: Nenhum

Conflitos de interesse: Nenhum

Como citar: Vieira AN, Lima DWC, Batista GVR, Azevedo LDS, Luís MAV. Stress and psychoactive substance use among university professors. Rev Bras Med Trab. 2021;19(2):191-200. http://dx.doi.org/10.47626/1679-4435-2020-612
INTRODUÇÃO

O ponto primordial das mudanças que ocorreram no mundo do trabalho situa-se em uma crise de acumulação de capital ocorrida em âmbito internacional por volta do início da década de 1970. Nesse período, houve uma queda significativa nos ritmos do crescimento das economias capitalistas, nas chamadas economias dos “primeiro” e “terceiro” mundos. Em ambas, os índices de crescimento econômico registraram declínio e estagnação que afetaram vários setores do mundo do trabalho, entre eles a educação, que, sob a influência de uma lógica instituída e disseminada pelo Banco Mundial, passou a ser encarada como atividade inserida no setor dos serviços não exclusivos do Estado. Essa perspectiva passou a orientar ações, inclusive, nas universidades públicas nos âmbitos federal, estadual e municipal¹,².

As mudanças ocorridas no campo educacional se deram através da implementação de legislações, da organização de currículos e de transformações na dinâmica do trabalho docente³. Os impactos dessa política começaram a ser observados com mais propriedade na metade da década de 1990, quando a relação de matrículas em cursos presenciais oferecidos por instituições de ensino superior (IES) privadas cresceu em relação às IES públicas, até os anos 2000. Isso consolidou a matriz do ensino superior nos termos da lógica sugerida e evidencia uma mercantilização efetiva da educação no Brasil, feita, também, à custa de muitas modificações na rotina do trabalho docente⁴,⁵.

A justificativa primordial para introduzir as mudanças no setor da educação pautou-se na exigência do mercado de trabalho de profissionais formados a partir de um novo perfil de competências e habilidades. Em consequência, houve a massificação do ensino para um mercado de trabalho que, embora exija um aumento da escolaridade, solicita um tipo de aprendizado de conhecimento seletivo, de natureza instrumental, com desenvolvimento de competências de caráter adaptativo às demandas do sistema que vão além do processo de ensino-aprendizagem consolidado nas instâncias formativas. A expectativa é ter um trabalhador com perfil flexível quanto à ocupação, mutante em relação ao trabalho desenvolvido, disciplinado no ambiente produtivo e tolerante no que tange às relações de contrato e salário⁶.

O trabalhador docente é o primeiro a ser alvo dessa política, pois não só é pressionado pela sociedade no que tange à sua formação, mas também no local de trabalho, em que se exige máxima produtividade e adaptabilidade às condições de trabalho. Para tanto, arranjos na composição curricular são feitos, como junções e substituições de disciplinas e a consequente perspectiva de interdisciplinaridade, impostos com vistas a atrelar os conteúdos programáticos ao mercado de trabalho flexível⁷.

Como expressão da precarização do trabalho docente, surgiu o produtivismo acadêmico, expressão concreta da perspectiva capitalista em potencializar o lucro e consolidar a educação superior como uma mercadoria rentável. É a lógica da fábrica imposta ao trabalho acadêmico superior, cujas repercussões para o desenvolvimento da ciência são previsíveis. Institui-se e consolida-se a crença de que o docente precisa ser “mais produtivo” na quantidade (aulas, orientações, publicações, projetos, patentes) do que na qualidade da produção e nos financiamentos obtidos, com o intuito de potencializar a capacidade de reprodução do capital. Essa cultura da produtividade também é transferida para os alunos da graduação e da pós-graduação, que passam a ser pressionados para que sejam produtivos sob quaisquer condições⁸.

Como resultado dessa dinâmica, os docentes universitários tornaram-se um dos grupos suscetíveis ao estresse relacionado ao trabalho pela exposição a agentes estressores específicos, sobre os quais se discorreu amplamente, a pressões e à falta de apoio administrativo no desempenho das atividades acadêmicas, além de pelo número de alunos sob sua responsabilidade, pela instabilidade financeira, pelas relações de competitividade com seus pares e pela falta de reconhecimento profissional. Enfim, um clima caracterizado por altas demandas, pouco controle e desvalorização, o que caracteriza um contexto de sobrecarga e de intensificação do trabalho⁹.

O estresse surge em decorrência da associação entre a exigência de alto rendimento nas várias atividades a serem realizadas, em tempo cada vez mais reduzido, e as relações interpessoais de trabalho superficiais, que acabam por se fazerem ausentes de sentido e, consequentemente, uma fonte de tensões e sofrimento. Nessa condição, surgem as consequências frequentes do mundo do trabalho, que incluem manifestações de sobrecarga e estresse, cansaço
Estresse e uso de drogas psicoativas

crônico e transtornos como depressão, podendo até ocasionar o suicídio8,9.

O enfrentamento do sofrimento psíquico ocorre de maneira singular na medida em que a pessoa é mais ou menos afetada pelas circunstâncias vivenciadas. O uso de drogas psicoativas, particularmente o álcool, tem sido relatado como uma estratégia utilizada pelas pessoas para contornar o estresse e as tensões para minimizar os efeitos adversos da fonte geradora de sofrimento10. Entre os docentes do ensino superior, essa prática não tem sido diferente. O consumo de drogas psicoativas por docentes universitários apareceu como uma problemática que tem chamado a atenção das entidades que agremiam esses trabalhadores devido às repercussões no trabalho e na vida particular10,11.

O interesse do presente estudo centra-se em identificar se a procura pelas drogas psicoativas nesse cenário é motivada pela necessidade de aliviar tensões e de superar um modo singular de sofrer e adoecer que está relacionado com as condições de trabalho. Diante dessa problemática, questiona-se: qual a relação entre o consumo de drogas e o estresse laboral dos docentes universitários?

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as relações entre o estresse laboral e o consumo de drogas entre docentes universitários, caracterizar o nível de estresse em docentes universitários a partir do seu perfil socioeconômico e das suas atividades laborais, e investigar a prevalência do consumo e o tipo de drogas utilizadas por essa população. Identifica-se, nesse contexto, um fecundo campo de atuação da saúde pública para a promoção da saúde do trabalhador, para a instituição de projetos voltados para aqueles que desenvolvem sofrimento psíquico relacionado ao estresse laboral e para a abertura de espaços para que essas pessoas possam direcionar suas demandas de cuidado.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva e analítica de delineamento transversal, realizada em uma universidade pública do interior do estado do Rio Grande do Norte, Brasil. Os participantes foram docentes de departamentos e faculdades, conforme os seguintes critérios de inclusão: ser docente efetivo com regime de trabalho de 40 horas ou de dedicação exclusiva, lotado no campus central da universidade. Foram excluídos aqueles afastados do trabalho por motivo de doença, férias, transferência ou atividade de capacitação (cursos, treinamentos).

Considerando os valores críticos associados ao grau de confiança da amostra, determinaram-se uma margem de erro de 5% e um nível de confiança (Z) de 95%, tendo como valor crítico = 1,96. A partir dos cálculos, a amostra foi delimitada em 209 docentes. Desses, 67 (37,1%) concordaram em participar do estudo. Além das recusas, houve perdas devido ao não retorno dos instrumentos preenchidos.

Para a coleta dos dados, utilizaram-se as seguintes ferramentas: um formulário de dados sociodemográficos e características do trabalho construído pelos autores; o Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST)12; e o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL)13. O ASSIST consiste em um instrumento disponível de rastreio e triagem breve para detectar pessoas que fazem uso de drogas psicoativas. Foi produzido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como resposta à amplitude dos efeitos nocivos que o consumo de drogas psicoativas representa para a saúde pública12. O ISSL, por sua vez, possibilita a identificação de três fases do estresse: alerta, resistência e exaustão. Também identifica a prevalência de sintomas somáticos ou cognitivos, classificando-os em físicos, psicológicos e físicos/psicológicos simultaneamente. Possui validação no Brasil13.

Para o preenchimento dos instrumentos, foi disponibilizado um link através do Google Forms, cujo acesso estava condicionado à anuência do participante em participar do estudo. O convite para a participação foi enviado a todos os departamentos acadêmicos e, posteriormente, divulgado para os e-mails pessoais dos docentes em abril de 2017, solicitando a colaboração para preenchimento até outubro de 2017.

Em seguida, o material coletado no período foi agrupado e expresso em frequência simples e porcentagem, bem como média, desvio padrão e valores mínimos e máximos, obtidos através do software estatístico SPSS, versão 23.0. Para verificar as associações entre o estresse laboral e o consumo de drogas com as diferentes variáveis estudadas, utilizaram-se o teste do qui-quadrado ou exato de Fisher.
Este estudo é integrante da pesquisa intitulada “Estresse, depressão e o uso de drogas por docentes universitários”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o parecer 1.981.017, sob o CAAE nº 63091016.0.0000.5294.

RESULTADOS

Entre os pesquisados, a maioria era do sexo masculino (50,7%), com média de idade de 42 anos (±10), casados (55,2%) e com filhos (59,7%). Com relação ao grau de instrução, observou-se que 6% dos participantes possuíam especialização; 46,3%, mestrado; 38,8%, doutorado; e 4,5% estavam no pós-doutorado. No tocante aos aspectos profissionais, os docentes desenvolviam atividades de ensino, pesquisa e extensão, sendo que, exclusivamente em relação às atividades de ensino, a carga horária era superior a 20 horas semanais para 40,3% dos participantes. Além disso, 49,3% deles também desempenhavam atividades administrativas ligadas à gestão da universidade (Tabela 1).

Através do ASSIST, identificaram-se diferenças entre o consumo das drogas consideradas lícitas e das consideradas ilícitas. Em relação às drogas lícitas, 82,1% afirmaram já ter consumido bebida alcoólica, e 26,9% consumiram derivados do tabaco. Para as drogas consideradas ilícitas,

| Tabela 1. Valores de frequência simples e percentual das variáveis relacionadas aos dados sociodemográficos e às atividades desenvolvidas pelos docentes universitários (n=67), estado do Rio Grande do Norte, Brasil, 2017 |
| Variáveis | n | % |
| --- | --- | --- |
| Sexo | | |
| Masculino | 34 | 50,7 |
| Feminino | 33 | 49,3 |
| Idade (anos) | | |
| Até 40 | 30 | 44,8 |
| Acima de 40 | 37 | 55,2 |
| Média ± desvio padrão | 42±10 |
| Mínimo-máximo | 23-66 |
| Estado civil | | |
| Solteiro | 14 | 20,9 |
| Relacionamento estável | 8 | 11,9 |
| Casado | 37 | 55,2 |
| Separado | 6 | 9,0 |
| Outros | 2 | 3,0 |
| Filhos | | |
| Não | 19 | 28,4 |
| Sim e moram comigo | 40 | 59,7 |
| Sim, mas não moram comigo | 8 | 11,9 |
| Graduação | | |
| Sim | 6 | 9,0 |
| Não | 61 | 91,0 |
| Especialização | | |
| Sim | 4 | 6,0 |
| Não | 63 | 94,0 |
| Mestrado | | |
| Sim | 31 | 46,3 |
| Não | 36 | 53,7 |
| Doutorado | | |
| Sim | 26 | 38,8 |
| Não | 41 | 61,2 |
| PhD | | |
| Sim | 3 | 4,5 |
| Não | 64 | 95,5 |
| Desenvolve atividade de ensino | | |
| Sim | 65 | 97,0 |
| Não | 2 | 3,0 |
| Desenvolve atividade de pesquisa | | |
| Sim | 51 | 76,1 |
| Não | 16 | 23,9 |
| Desenvolve atividade de extensão | | |
| Sim | 34 | 50,7 |
| Não | 33 | 49,3 |
| Desenvolve atividade administrativa | | |
| Sim | 33 | 49,3 |
| Não | 34 | 50,7 |
| Carga horária de ensino (horas semanais) | | |
| Até 20 horas | 40 | 59,7 |
| Acima de 20 | 27 | 40,3 |
| Média ± desvio padrão | 22,7±10,7 |
| Mínimo-máximo | 0-40 |
| Mínimo-máximo | 0-6 |
os percentuais foram de 14,9% para a maconha, 4,5% para crack ou cocaína, 4,5% para anfetaminas ou extase e 7,5% para hipnóticos ou sedativos sem prescrição médica (Tabela 2).

Por sua vez, o ISSL evidenciou que 52,2% do total de participantes se encontravam com nível de estresse em fase de alerta, resistência ou exaustão, sendo verificada uma frequência maior na fase de resistência (29,8%) (Tabela 3).

O estresse foi detectado com maior prevalência na faixa etária acima de 40 anos (57,1%), nas mulheres (62,9%), em docentes casados (62,9%) e nos doutores (51,4%). Entre todos os que ministravam atividades de ensino, foi prevalente em 82,9% dos que desenvolviam pesquisa (Tabela 4). Quanto à associação entre o uso de alguma droga psicótica e o estresse laboral, foi mais prevalente entre aqueles que mencionaram o consumo de bebida alcoólica (85,7%) (Tabela 5).

**DISCUSSÃO**

Há predomínio do sexo masculino entre os docentes nesse nível de ensino. Em relação à idade, identificou-se uma aproximação da média nacional de 36 anos (±10), o que pode estar relacionado à titulação acadêmica, que demanda maior tempo para sua obtenção. Dados estatísticos nacionais comprovam, também, que os docentes com maior titulação são mais frequentes na rede pública e atuam em regime de trabalho em tempo integral. De acordo com o Artigo 66 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), para o ingresso na carreira docente na universidade, exige-se titulação em nível de doutorado ou mestrado; entretanto, especialistas e graduados podem ser concursados quando devidamente justificado e aprovado pela IES.

Constatação semelhante foi encontrada em um estudo realizado junto aos docentes de uma universidade pública da região amazônica, no qual 51,9% eram do sexo masculino, 48,1% se declararam casados, 51,9% tinham filhos e 55,8% possuíam titulação em nível de mestrado. Esses docentes avaliaram o contexto do trabalho na universidade, de um modo geral, como crítico para o seu adoecimento.

Entre os docentes, detectou-se que o nível de estresse mais frequente é a fase de resistência. Outro estudo...
### Tabela 4. Valores de frequência simples e percentual do nível de estresse frente às variáveis relacionadas aos dados sociodemográficos e às atividades desenvolvidas pelos docentes universitários (n = 67), estado do Rio Grande do Norte, Brasil, 2017

| Variáveis                              | Nível de estresse | Valor de p |
|----------------------------------------|-------------------|------------|
|                                        | Alerta, resistência ou exaustão | Não estressado |
|                                        | n (%)             | n (%)      |            |
| **Sexo**                               |                   |            | 0,037      |
| Masculino                              | 13 (37,1)         | 21 (65,6)  |            |
| Feminino                               | 22 (62,9)         | 11 (34,4)  |            |
| **Idade (anos)**                       |                   |            | 0,933      |
| Até 40                                 | 15 (42,9)         | 15 (46,9)  |            |
| Acima de 40                            | 20 (57,1)         | 17 (53,1)  |            |
| **Estado civil**                       |                   |            | 0,325      |
| Relacionamento estável                 | 5 (14,3)          | 3 (9,4)    |            |
| Casado                                 | 22 (62,9)         | 15 (46,9)  |            |
| Separado                               | 2 (5,7)           | 4 (12,5)   |            |
| Outros                                 | 0 (0,0)           | 2 (6,3)    |            |
| **Filhos**                             |                   |            | 0,081      |
| Não                                    | 14 (40,0)         | 5 (15,6)   |            |
| Sim e moram comigo                     | 17 (48,6)         | 23 (71,9)  |            |
| Sim, mas não moram comigo              | 4 (11,4)          | 4 (12,5)   |            |
| **Graduação**                          |                   |            | 0,414      |
| Sim                                    | 2 (5,7)           | 4 (12,5)   |            |
| Não                                    | 33 (94,3)         | 28 (87,5)  |            |
| **Especialização**                     |                   |            | 0,342      |
| Sim                                    | 1 (2,9)           | 3 (9,4)    |            |
| Não                                    | 34 (97,1)         | 29 (90,6)  |            |
| **Mestrado**                           |                   |            | 0,881      |
| Sim                                    | 17 (48,6)         | 14 (43,8)  |            |
| Não                                    | 18 (51,4)         | 18 (56,3)  |            |
| **Doutorado**                          |                   |            | 0,049      |
| Sim                                    | 18 (51,4)         | 8 (25,0)   |            |
| Não                                    | 17 (48,6)         | 24 (75,0)  |            |
| **PhD**                                |                   |            | 0,0104     |
| Sim                                    | 0 (0,0)           | 3 (9,4)    |            |
| Não                                    | 35 (100,0)        | 29 (90,6)  |            |
| **Desenvolve atividade de ensino**     |                   |            | 0,434      |
| Sim                                    | 35 (100,0)        | 30 (93,8)  |            |
| Não                                    | 0 (0,0)           | 2 (6,3)    |            |
| **Desenvolve atividade de pesquisa**   |                   |            | 0,286      |
| Sim                                    | 29 (82,9)         | 22 (68,8)  |            |
| Não                                    | 6 (17,1)          | 10 (31,3)  |            |
| **Desenvolve atividade de extensão**   |                   |            | 0,718      |
| Sim                                    | 19 (54,3)         | 15 (46,9)  |            |
| Não                                    | 16 (45,7)         | 17 (53,1)  |            |
| **Desenvolve atividade administrativa**|                   |            | 1,000      |
| Sim                                    | 17 (48,6)         | 16 (50,0)  |            |
| Não                                    | 18 (51,4)         | 16 (50,0)  |            |
| **Carga horária de ensino (horas)**    |                   |            | 0,232      |
| Até 20                                 | 18 (51,4)         | 22 (68,8)  |            |
| Acima de 20                            | 17 (48,6)         | 10 (31,3)  |            |
realizado com docentes de uma universidade pública do estado de Minas Gerais apontou 24% dos docentes na fase de resistência do estresse, também superior à porcentagem de docentes nas fases de exaustão (8%) e alerta (3%). Na fase de resistência, a pessoa sofre influência dos estressores por um longo período ou com grande intensidade e, diante disso, busca estratégias para manter seu suposto bem-estar.

Apesar de o maior número de docentes na universidade ser do sexo masculino, as mulheres casadas e com filhos são mais acometidas pelo estresse relacionado ao trabalho. Essa condição possui implicações de amplas proporções para sua condição de saúde. Além do trabalho externo, em geral, as mulheres exercem atividades familiares e do lar. Ambas as situações exigem maior responsabilidade, configurando-se um problema de gênero, reflexo de questões históricas e sociais referentes à posição do imaginário feminino na sociedade.

Os resultados deste estudo identificaram uma carga horária na atividade de ensino superior a 20 horas semanais para 40,3% dos participantes, sendo que 49,3% deles acumulavam, ainda, atividades ligadas à gestão da universidade. Esse acúmulo parece corroborar com os dados referentes à prevalência do estresse entre os que

### Tabela 5. Valores de frequência simples e percentual do nível de estresse frente às variáveis relacionadas às drogas psicoativas entre os docentes universitários (n = 67), estado do Rio Grande do Norte, Brasil, 2017

| Variáveis         | Alerta, resistência ou exaustão n (%) | Não estressado n (%) | Valor de p |
|-------------------|---------------------------------------|----------------------|------------|
| **Bebida alcoólica** |                                       |                      |            |
| Sim               | 30 (85.7)                             | 25 (78.1)            | 0.624      |
| Não               | 5 (14.3)                              | 7 (21.9)             |            |
| **Derivados do tabaco** |                                      |                      |            |
| Sim               | 10 (28.6)                             | 8 (25.0)             | 0.957      |
| Não               | 25 (71.4)                             | 24 (75.0)            |            |
| **Crack ou cocaína** |                                      |                      |            |
| Sim               | 1 (2.9)                               | 2 (6.3)              | 0.603      |
| Não               | 34 (97.1)                             | 30 (93.8)            |            |
| **Anfetaminas ou êxtase** |                                  |                      |            |
| Sim               | 1 (2.9)                               | 2 (6.3)              | 0.603      |
| Não               | 34 (97.1)                             | 30 (93.8)            |            |
| **Inalantes** |                                      |                      |            |
| Sim               | 4 (11.4)                              | 2 (6.3)              | 0.675      |
| Não               | 31 (88.6)                             | 30 (93.8)            |            |
| **Alucinógenos** |                                      |                      |            |
| Sim               | 0 (0.0)                               | 1 (31)               | 0.478      |
| Não               | 35 (100.0)                            | 31 (96.9)            |            |
| **Opioides/opióceos** |                                   |                      |            |
| Sim               | 1 (2.9)                               | 2 (6.3)              | 0.603      |
| Não               | 34 (97.1)                             | 30 (93.8)            | 1.000      |
| **Hipnóticos/sedativos** |                                 |                      |            |
| Sim               | 3 (8.6)                               | 2 (6.3)              | 0.310      |
| Não               | 32 (91.4)                             | 30 (93.8)            |            |
| **Maconha**      |                                       |                      |            |
| Sim               | 7 (20.0)                              | 3 (9.4)              |            |
| Não               | 28 (80.0)                             | 29 (90.6)            |            |
ministram atividades de ensino e entre os que desenvolvem pesquisa (82,9%). Essa intensificação do trabalho na universidade exige do docente maior tempo voltado ao trabalho, privando-o do convívio familiar e de momentos de lazer e de repouso11.

Há uma associação entre o estresse e a titulação acadêmica em nível de doutorado, identificada em 64,8% dos doutores. Esse achado pode ser atribuído à desvalorização da qualificação e às exigências inerentes à carreira docente. A produção científica e as ações extensionistas carecem de maior incentivo por parte da universidade, embora não deixem de ser exigidas pelas avaliações institucionais. Tais exigências, que intensificam o trabalho e sobrecarregam as atividades docentes, geram um contexto favorável ao desenvolvimento do adoecimento, considerando que o foco está no aumento da produtividade, sem considerar as condições de trabalho e o desgaste gerado no docente11,20.

A universidade pública vem sofrendo uma perda de identidade social, e seu desenho apresenta exigências pedagógicas e administrativas reguladas através de indicadores quantificáveis e resultados mensuráveis, aos quais os docentes foram obrigados a responder. Embora reconheçam sua importância, manifestaram sensações de insegurança e desamparo, pois sentem que são muitas exigências para cumprir em condições inadequadas e precarizadas de trabalho21. A intensidade das exigências institucionais impôs aos docentes acarreta demandas adicionais, que produzem uma sensação de desgaste e um clima de competitividade. Ao longo do tempo, essa condição compromete a qualidade de vida desses trabalhadores, pois o trabalho, nesse formato, leva os indivíduos a se sentirem cada vez mais pressionados por demandas complexas nas organizações de seus trabalhos. Alguns estudos já investigaram o adoecimento dos docentes universitários do ensino público e comprovaram que o desequilíbrio entre demandas, necessidades e expectativas pessoais em relação ao trabalho são geradores de sentimentos de insatisfação, descontentamento e de adoecimento7,19,21.

Dadas as características do trabalho docente identificadas neste estudo, fazem-se necessários alguns questionamentos sobre os sentidos atribuídos ao adoecimento relacionado ao trabalho. Isso inclui, também, a importância dada às manifestações do adoecimento na vida do docente dentro e fora do ambiente laboral, pois, negligenciado e desconhecido, o adoecimento desenvolve-se em torno não somente de muitos eventos somáticos, mas também de outras condições que atuam no âmbito da própria vida psíquica22,23.

As manifestações do estresse no docente universitário exigem uma reflexão nessa perspectiva, abordando-as como um fenômeno que extrapola a doença em si e que é resultado das condições em que o ser vive, age, se organiza, trabalha e pensa na sociedade com as peculiaridades do grupo ao qual pertence e com a sua própria individualidade. A partir dos fatores estressores vivenciados, a pessoa pode apresentar sentimentos negativos como angústia, tristeza, ansiedade, irritação, sensação de abandono, alienação, desmotivação, insensibilidade e desumanização, as quais interferem na sua qualidade de vida e no seu desempenho profissional17,24. Consta-se, na literatura, que os docentes em situação de estresse podem recorrer ao uso de drogas psicoativas, embora ainda sejam poucos os dados sistemáticos sobre a possível relação entre o uso dessas drogas e o estresse. Isso demonstra a necessidade de novos estudos sobre essa problemática10,11.

Um estudo revelou que, em geral, o uso de drogas psicoativas pelos docentes universitários seria destinado para relaxar, aumentar a energia, trabalhar mais horas ou aliviar dores. Seja qual for o motivo, o uso cada vez mais frequente aumenta a possibilidade de drogodependência10,11. No presente estudo, constatou-se que o consumo de drogas lícitas obteve percentual consideravelmente maior do que de drogas ilícitas. Esse quadro preocupante também foi encontrado em um estudo realizado com 338 docentes pertencentes à Universidade de Medellín, na Colômbia, no qual 92,3% relataram consumo de álcool; 45,9%, de tabaco; e 26,3%, de outras drogas, sendo a maconha a droga ilícita mais consumida25. Em outra investigação, que objetivou estimar o padrão de consumo de álcool e tabaco em docentes de universidades da região Centro-Oeste do Brasil, identificou-se que 79,1% dos docentes consumiam álcool e 19,7%, tabaco, dados que se aproximam dos encontrados nesta pesquisa26.

No presente estudo, a associação entre estresse laboral e uso de alguma droga psicoativa foi mais prevalente naqueles que mencionaram o consumo de bebida alcoólica. Um estudo realizado com 360 docentes de uma universidade do Equador avaliou o consumo de álcool e
as variáveis psicossociais associadas. O consumo de álcool foi encontrado em 13,1% dos participantes, embora mais frequentemente em homens (19,1%) do que em mulheres (6,8%). Em destaque, os docentes do sexo masculino com maior nível de estresse apresentaram um risco cinco vezes maior para o consumo de álcool do que aqueles com menor estresse27.

Em outra investigação, com trabalhadores da Espanha, verificou-se a associação entre consumo de bebida alcoólica e quatro aspectos relacionados ao estresse decorrente do trabalho: ambiente nocivo de trabalho (calor, frio, odores, ruído e/ou permanece em posições desconfortáveis), extensas jornadas de trabalho, insegurança sobre o futuro no trabalho e sentimento de estar ou não adequadamente treinado para executar o trabalho28.

Cabem, neste ponto, algumas reflexões sobre o consumo de drogas psicoativas e sua relação com o ambiente de trabalho. Embora esse consumo possa ser usado como uma válvula de escape para a exaustiva rotina laboral, ele está associado a outras problemáticas de ordem familiar, social e laboral, assim como ao surgimento de danos físicos e psíquicos. Compreende-se, dessa forma, que o estresse pode favorecer um consumo exagerado de bebida alcoólica tanto ao longo de uma semana quanto em uma única ocasião. Essas reflexões também foram verificadas em um estudo realizado com docentes universitários do Paquistão, o qual demonstrou que o consumo de álcool é uma das estratégias utilizadas para enfrentar e amenizar os fatores do estresse no trabalho29.

Os resultados desta pesquisa corroboram com outras pesquisas ao demonstrar a necessidade de ações preventivas para o uso de drogas psicoativas entre docentes universitários; ações essas que devem considerar os padrões de uso dessa classe, os riscos e as suas consequências. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estabeleceu, como exemplos dessas ações preventivas, o ajuste da carga horária total conforme as normativas institucionais, sem produzir sobrecarga laboral; a abolição de exigências excessivas; o planejamento de prazos exequíveis; a definição, de forma clara, das responsabilidades; a não subutilização das capacidades dos funcionários; e o incentivo de atividades de socialização e de lazer30. Esses aspectos devem ser foco de intervenção por parte dos gestores da universidade, com a inclusão de um núcleo de apoio para os trabalhadores formado por uma equipe multiprofissional, a fim de reduzir os níveis de estresse e o risco de adoecimento.

CONCLUSÃO

Compreender a relação entre o estresse laboral e o consumo de drogas psicoativas por docentes universitários não é algo simples, tampouco passível de ser explicado em um único estudo. Esta pesquisa se propôs a discutir facetas preliminares dessa relação e constatou que ela está presente entre os docentes entrevistados. O estudo buscou discutir as temáticas utilizando uma perspectiva que privilegiou os determinantes sociais do trabalho com a inserção de alguns conceitos que se aplicam à educação e às consequentes mudanças que afetam, na atualidade, o mundo do trabalho do docente universitário. Os docentes estão sendo afetados por um "novo contexto" em suas atividades acadêmicas e em suas vidas de forma mais ou menos drástica em função, inclusive, de suas singularidades enquanto sujeitos.

A relação verificada entre o estresse laboral e o uso de drogas por docentes do ensino superior (particularmente o consumo de álcool, derivados do tabaco e maconha) foi mais prevalente naqueles classificados em algum nível de estresse, o que não deixa de ser preocupante, dado o potencial de risco dessas drogas como desencadeadoras de diversos agravos para a saúde. Recomenda-se que as universidades invistam mais na saúde do seu capital humano, com oferta de programas específicos de manejo de estresse de forma saudável, principalmente aos grupos mais vulneráveis (docentes mulheres, doutores, docentes que excedem a carga de ensino, pesquisadores e docentes que se autoreferiram usuários de drogas psicoativas).

Como limitação deste estudo, destaca-se a sua abrangência delimitada ao campus central da universidade, uma vez que ela possui outros campi avançados em todas as regiões do estado. Além disso, é preciso considerar a possibilidade de omissão de informações por se tratar de um tema impregnado de tabus, pela discriminação e, inclusive, pelo receio de se desvelar uma realidade vivenciada no interior de uma IES.
REFERÊNCIAS

1. Machado JP. Trabalho docente em documentos do banco mundial: salário e carreira. Revelli. 2018;10(4):1-21.
2. Borges EF, Cecílio S. O trabalho docente no Brasil (década de 1950 aos dias atuais): a precarização no contexto de (re) democratização. Holos. 2018;5(34):177-94.
3. Mello FM, Alves AES. O produtivismo acadêmico como expressão da precarização do trabalho docente. Rev Binacional Bras-Argent. 2017;6(1):73-86.
4. Menezes D, Vale AA, Martins TB. Políticas de expansão mundial: salário e carreira. Rev Brasil Educ. 2015;20(60):31-50.
5. Oliveira ASD, Pereira MS, Lima LM. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos dentes nas universidades públicas brasileiras. Psicol Esc Educ. 2017;21(3):609-19.
6. Mazzini MCC. A precarização estrutural do trabalho no mundo e os impactos para o trabalho docente. Org Demo. 2018;19(1):25-44.
7. Mancebo D, Vale AA, Martins TB. Políticas de expansão mundial: salário e carreira. Rev Brasil Educ. 2015;20(60):31-50.
8. Ribeiro AC, Araújo RB. As transformações do trabalho docente: ser professor hoje. Prax Educ. 2018;13(2):407-24.
9. Oliveira ASD, Pereira MS, Lima LM. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos dentes nas universidades públicas brasileiras. Psicol Esc Educ. 2017;21(3):609-19.
10. Oliveira ASD, Pereira MS, Lima LM. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos dentes nas universidades públicas brasileiras. Psicol Esc Educ. 2017;21(3):609-19.
11. Forattini CD, Lucena C. Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. Laplage Rev. 2015;1(2):32-47.
12. Leite AF, Nogueira JAD. Fatores condicionantes de saúde relacionados ao trabalho de professores universitários da área da saúde: uma revisão integrativa. Rev Bras Saude Ocup. 2017;42:e6.
13. Tundis AGO, Monteiro JK. Ensino superior e adoecimento docente: um estudo em uma universidade pública. Psicol Educ. 2018;46:1-10.
14. Tolomeu R, Tavares FS, Monteiro IP, Camargos GL, Correa AAM. Qualidade de vida e estresse em professores de uma instituição de ensino superior do interior de Minas Gerais. Rev Cient Fagoc. 2017;20(1):9-15.
15. Silva RCP, Ribeiro IKS, Teixeira GS, Teixeira LN, Souza PHA. Estilo de vida e saúde de docentes de uma instituição de ensino pública. Rev Enferm UFES. 2017;4(4):601-14.
16. Cardoso MRG. O professor do ensino superior hoje: perspectivas e desafios. Cad Fucamp. 2016;15(23):87-106.